

CORREIO ECONÔMICO

POR MARCELLO SIGWALT

Reprodução Tudocelular



Configuração da tecnologia no país garantiu posição

5G do Brasil é a 3ª mais rápida do mundo, afirma consultoria

O Brasil ficou na terceira posição em um ranking global que avalia a velocidade média de download no 5G. O relatório divulgado nesta semana pela consultoria internacional Opensignal coloca o País à frente de potências tecnológicas como Estados Unidos, Japão, Alemanha, Reino Unido e Taiwan. O estudo analisou 137 países durante o quarto trimestre de 2024. A

Opensignal concluiu que o Brasil também está entre os destaques positivos sobre a velocidade de download no 5G entre nações de grande extensão territorial. Para o ministro das Comunicações, Juscelino Filho, o bom desempenho decorre da decisão de adotar o modelo 5G puro (standalone), que utiliza uma rede independente, garantindo maior eficiência e velocidade.

Limpeza

Para viabilizar a implementação, foi necessário limpar a faixa de 3,5 GHz, processo conduzido pela EAF. Criada após o Leilão do 5G e financiada pelas operadoras Claro, TIM e Vivo, a EAF coordenou a migração dos sinais de TV parabólica para uma nova faixa de frequência.

Distribuição

O trabalho envolveu a distribuição de quase cinco milhões de kits digitais gratuitos a famílias beneficiárias de programas sociais. A migração foi antecipada em quase 14 meses em relação ao cronograma previsto no edital do leilão, que garantiu acesso à tecnologia.



Divulgação Brics

Bloco emergente evita confronto direto com os EUA

Brics não pretende fazer 'ação coordenada' contra os EUA

Apesar do impacto das tarifas anunciadas pelo governo americano, os países do Brics não têm usado as reuniões técnicas do bloco para alinhar uma reação coordenada contra a política comercial que está sendo implementada pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. É o que admite o subsecretário de

finanças internacionais e cooperação econômica do Ministério da Fazenda, Antonio Freitas. "Não sabemos bem o que será adotado pelos EUA. Cada membro do Brics tem o seu relacionamento com os norte-americanos. O Brics não é um corpo homogêneo, unificado. Tem perspectivas diversas", afirmou Freitas.

Fora da pauta

Após o evento, Freitas afirmou que, embora as medidas de Trump não estejam na pauta das reuniões do bloco, é possível que a cúpula do Brics termine com a defesa do livre comércio. O encontro dos chefes de Estado está previsto para o começo de julho, no Rio Janeiro.

Defesa

"O que pode ocorrer e já ocorria nos anos anteriores, são declarações em defesa do sistema multilateral de comércio, da Organização Mundial do Comércio, de um comércio livre, mais aberto. Mas daí para reações coordenadas, isso não está na mesa", disse Freitas.

Alta

Os contratos futuros de petróleo fecharam em alta nesta quinta-feira, 27, com a guerra comercial deflagrada pelos EUA voltando a impulsionar os preços da commodity, após Donald Trump anunciar, na quarta-feira, tarifas sobre automóveis.

Nymex

Na New York Mercantile Exchange (Nymex), o contrato de petróleo WTI para maio subiu 0,39% (US\$ 0,27), fechando a US\$ 69,92 o barril. O Brent para junho, negociado na Intercontinental Exchange (ICE), avançou 0,38% (US\$ 0,28), alcançando US\$ 73,34 o barril.

IPCA-15 recua de 1,23% para 0,64%, de fevereiro para março

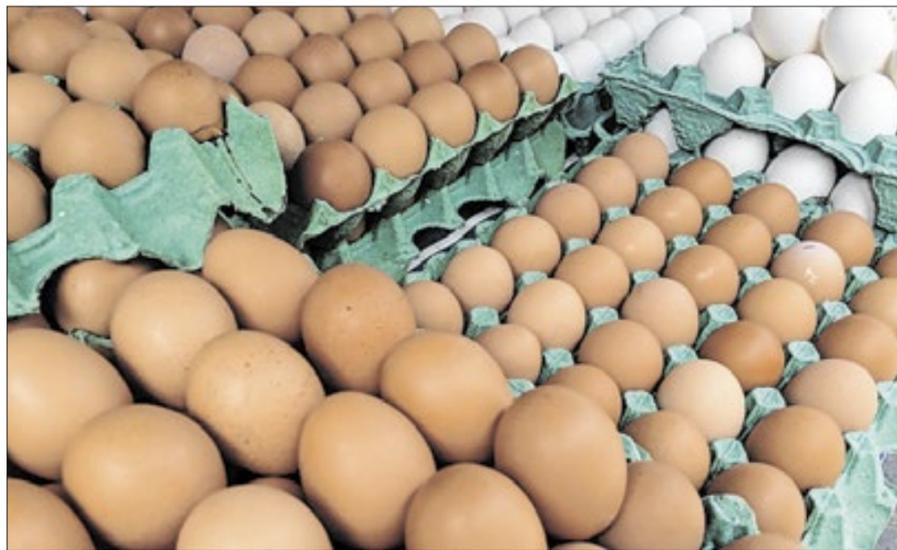
Maior peso no índice veio dos grupos Alimentação e Bebidas (+0,24 p.p.)

Por Marcello Sigwalt

Embora tenha recuado 0,59 ponto percentual (p.p.), de 1,23% para 0,64%, de fevereiro para março, o IPCA-15, mais conhecido como 'prévia da inflação', reflete, como os demais indicadores, o aperto monetário perpetrado pelo Banco Central (BC), que tentar 'domar' a carestia, mas sufoca o dinamismo da economia.

O resultado deste mês, ainda representativo de um viés inflacionário altista, foi pressionado, sobretudo, pelo avanço de 1,09% dos grupos de Alimentação e bebidas, que exerceram impacto de 0,24 p.p. no índice geral, e do de Transportes, que subiu 0,92% e exerceu influência de 0,19 p.p.. Esses dados foram divulgados, nessa quinta-feira (27), pelo IBGE.

Em que pese a escalada monolítica da Selic, sob o 'piloto automático' de majorações em série da autoridade monetária, o fato é que o IPCA-15, acumulado em 12 meses, registra elevação de 5,26%, 0,7 ponto percentual



Pedro Vidal - IBGE

Grupos de Alimentação e bebidas subiram 1,09%, com peso 0,24 p.p. no índice geral

de produtos e serviços pesquisados tiveram variação positiva em março, com destaque para o grupo Alimentação e bebidas, com a maior variação (1,09%) e impacto (0,24 p.p.). A alimentação no domicílio acelerou de 0,63% em fevereiro para 1,25% em março. Contribuíram para esse resultado as altas do ovo de galinha (19,44%), do to-

mate (12,57%), do café moído (8,53%) e das frutas (1,96%). A alimentação fora do domicílio (0,66%) também acelerou em relação ao mês de fevereiro (0,56%), em virtude da alta da refeição (0,43% em fevereiro para 0,62% em março). Já o lanche (0,68%) desacelerou em relação ao mês anterior (0,77%).

mate (12,57%), do café moído (8,53%) e das frutas (1,96%).

A alimentação fora do domicílio (0,66%) também acelerou em relação ao mês de fevereiro (0,56%), em virtude da alta da refeição (0,43% em fevereiro para 0,62% em março). Já o lanche (0,68%) desacelerou em relação ao mês anterior (0,77%).

'Tarifaço' Trump premia alta do dólar

O dólar encerrou a sessão desta quinta-feira, 27, em alta moderada no mercado doméstico, na casa de R\$ 5,75, em dia marcado por perdas de divisas latino-americanas na esteira do aumento de temores relacionados à escalada tarifária do governo norte-americano de Donald Trump.

O real, que costuma sofrer mais em episódios de aversão ao risco, apresentou perdas inferiores a de seus pares. Pesos

colombiano e chileno amargaram desvalorização mais aguda entre as divisas da região, embora o peso mexicano tenha acentuado o ritmo queda à tarde, depois de o Banxico cortar a taxa básica em 0,50 ponto percentual, para 9% ao ano.

Segundo operadores, os impactos da piora do ambiente global sobre o real teriam sido amenizados pela perspectiva de continuidade do aperto monetário e de permanência da taxa

Selic em níveis elevados por período prolongado, após a mensagem dura do Relatório de Política Monetária (RPM) e falas do presidente do BC, Gabriel Galípolo, reforçando a busca pela meta de inflação.

Com máxima a R\$ 5,7707, pela manhã, o dólar à vista fechou em alta de 0,36%, cotado a R\$ 5,7533.

Foi o segundo pregão seguido de avanço da moeda norte-americana, que acumula

ganhos de 0,62% em relação ao real na semana. Em março, o dólar desvalorizou 2,76%.

Na quarta à noite, Trump anunciou que vai impor tarifas de 25% sobre automóveis fabricados no exterior e exportados para os EUA a partir de 3 de abril, aguçando expectativas para o anúncio da tarifas recíprocas no próximo dia 2. À tarde, o primeiro-ministro do Canadá, Mark Carney, afirmou que o país vai retaliar os EUA.

EUA 'erráticos' ajudam bolsa: +0,61%

Bora Investir B3



Ibovespa 'descola' de NY e retoma o patamar de 133 mil pontos

Descolado de Nova York, o Ibovespa retomou nesta quinta-feira, 27, o nível de 133 mil pontos em fechamento pela primeira vez no ano, como na quarta-feira no maior patamar desde 2 de outubro para encerramentos de sessão. Nesta quinta, o índice da B3 se movimentou em faixa mais ampla, dos 132.478,98 aos 133.904,38, saindo de abertura aos 132.522,18 pontos. O giro financeiro foi, nesta quinta, a R\$ 20,8 bilhões.

Na semana, o Ibovespa avança 0,61% e, no mês, acumula ganho de 8,43%. No ano, sobe 10,70%. No fechamento desta quinta, o Ibovespa marcou 133.148,75 pontos, em alta de 0,47%.

Entre as ações de primeira linha, os ganhos do dia foram puxados por Vale (ON +0,80%) e Petrobras (ON +1,02%, PN +0,75%), enquanto os grandes bancos fecharam

na maioria em baixa moderada, à exceção de Santander (Unit +0,62%) e, ao fim, de Itaú (PN +0,12%). Na ponta ganhadora do Ibovespa, JBS (+5,83%), Hapvida (+5,38%), Cogna (+5,15%) e Yduqs (+4,93%). No lado oposto, Marcopolo (-4,98%), CVC (-2,58%), Va-

mos (-2,28%) e IRB (-2,00%).

Para Cesar Mikail, gestor de renda variável na Western Asset, desde que se iniciaram os "movimentos erráticos" do governo Trump com relação à política tarifária, tem prevaído nas bolsas de Nova York certa apreensão com relação ao risco

de uma recessão nos Estados Unidos – cautela que desencadeou uma rotação de ativos em direção a mercados emergentes e da Europa, apreciando também as respectivas moedas. "Ainda é pouco provável que uma recessão venha a ocorrer nos EUA, mas europeus e emergentes, inclusive o Brasil, e suas respectivas moedas, têm sido beneficiados nesse contexto", ressalta.

Outro fator importante que tem sustentado fluxo estrangeiro para a B3 neste primeiro trimestre é uma melhor percepção sobre a evolução da economia chinesa, da qual o mercado brasileiro é visto como 'proxy' pela exposição a commodities. "Isso favorece a 'compra de Brasil'", pelo foco que o estrangeiro tem em ações de grande capitalização de mercado, e liquidez, como as de Vale e Petrobras, produtoras de insumos com preços formados no exterior.

Prévia da inflação 'detona' os futuros

O volume menor de títulos ofertados pelo Tesouro em leilão e a inflação abaixo da esperada no IPCA-15 de março abriram espaço para que as taxas de Depósito Interfinanceiro (DI) recuassem após cinco pregões consecutivos de alta.

A queda ocorre também após o Banco Central indicar que espera uma desaceleração mais intensa da atividade em 2026.

O Índice Nacional de Pre-

ços ao Consumidor Amplo – 15 (IPCA-15) desacelerou o ritmo de alta de 1,23% em fevereiro para 0,64% em março. A leitura ficou abaixo da mediana das projeções do mercado, de 0,68%.

Segundo Luciano Costa, economista-chefe e sócio da Monte Bravo Investimentos, o mercado reagiu favoravelmente ao indicador e à desaceleração dos núcleos de inflação na margem. Ele disse que a expectativa

de desaceleração da economia trazida pelo Banco Central não é algo novo, mas lida em conjunto com a ênfase dada pelo presidente da instituição, Gabriel Galípolo, ao nível contracionista da Selic, deixa margem para debate sobre as chances de o ciclo de alta da Selic terminar na próxima reunião.

A Monte Bravo espera que a taxa aumente em maio (+0,50 pp) e pare por ali, aos 14,75% ao ano, voltando a cair no início de 2026.

Guilherme Almeida, head de renda fixa da Suno Research, considera que os dados de hoje e as informações vindas do Banco Central colaboraram para a correção das taxas e da visão recente do mercado sobre a trajetória dos juros.

A taxa de depósito interfinanceiro (DI) para janeiro de 2026 caiu para 15,100%, de 15,158% no ajuste anterior. O DI para janeiro de 2027 recuou para 15,000%, de 15,134%.